



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

O CONTO DA AIA: UMA OBRA DISTÓPICA DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Valdineide Jesus de Oliveira

Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil

Endereço eletrônico: valdineide.oliveira@outlook.com

Elisabete da Silva Barbosa

Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil

Endereço eletrônico: elisabete_barbosa@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar o papel social que as mulheres exercem na sociedade representada no *Conto da Aia*, romance da escritora canadense Margareth Eleanor Atwood (1985). Trata-se de um romance distópico¹ lançado no Canadá em 1985, a partir do qual consideramos questões relacionadas ao gênero e observamos como a estética literária do pós-modernismo se apropria de elementos que caracterizam uma sociedade representada sob o signo da distopia. Para tanto, discorreremos sobre as questões sociais que contextualizam a obra, além de destacar como o discurso adotado pela sociedade representada influencia a perda da liberdade feminina, tendo em vista a forma como a figura da mulher é tratada. Paralelamente à sociedade em que vivemos, Atwood (1985) ficcionaliza uma cultura hegemonicamente patriarcal, trazendo para seu texto uma situação caracterizada como distópica que leva ao extremo elementos culturais já presentes na sociedade em que estamos inseridos. Diante dessa narrativa, destacamos como a ligação da literatura com o meio social é reforçada no texto.

A pesquisa adota o aporte teórico da feminista Butler (2003), Cardoso Hilário (2013) e Hutcheon (1991). Quanto à abordagem, esta é uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo. Situa-se área de literatura em língua inglesa e foi desenvolvido por meio da análise do livro *O Conto da Aia* e à luz de teorias que versam sobre as questões de gênero e a construção da estética literária pós-moderna. Quanto ao tipo de leitura, foram realizadas as seletivas, crítica e reflexiva da obra.

O CONTO DA AIA: UMA DISTOPIA ATUAL

Depois de um ataque terrorista no qual o presidente americano é assassinado, um grupo de fundamentalistas cristãos provenientes da classe branca, rica e conservadora,

¹ Etimologicamente, distopia é palavra formada pelo prefixo dis (doente, anormal, dificuldade ou mal funcionamento) mais topos (lugar). Num sentido literal, significa forma distorcida de um lugar. Tem como principal objetivo avaliar as atrocidades ocorridas em algum momento da história no âmbito social.



denominados “Filhos de Jacó”, organizam um golpe que acaba com a constituição, tendo em seu discurso a justificativa de restaurar a ordem do país. Na obra em análise, por conta do alto nível de poluição e aquecimento global, a maioria das mulheres acabam se tornando inférteis, e isso contribui para uma baixa ocorrência de partos e de crianças que conseguem sobreviver após o nascimento. Desse modo, as mulheres férteis das classes populares são obrigadas a terem relação sexual para gerarem filhos no lugar de esposas estéreis pertencentes a uma classe dominante. Esse cenário colabora para a justificativa da classe dominante de que a maternidade seria um milagre divino:

[...] Uma delas está enorme de grávida, a barriga, sob as roupas largas, se avoluma triunfantemente. Há uma mudança no ambiente, um murmúrio, uma exalação de ar; sem querer viramos a cabeça, de maneira ostensiva, para ver melhor; nossos dedos anseiam por tocá-la. Ela é uma presença mágica para nós, um objeto de inveja e desejo, nós a cobiçamos. Ela é uma bandeira no alto de uma colina que nos mostra o que ainda pode ser feito: também podemos ser salvas (ATWOOD, 2017, p. 37).

Com esse argumento, os “filhos de Jacob” passam a defender que o alto nível de infertilidade seria uma forma de Deus punir a humanidade por seus atos profanos. A narrativa vai deixando evidente que, naquele contexto, o fator biológico é dominante e que a maternidade pode ser usada como forma de controle e de justificar o papel social direcionado à mulher. Quanto à construção da figura feminina na obra, observamos que são divididas de acordo com a posição social, classificadas a partir de uso de uniformes que indicam o lugar de cada uma naquela sociedade. O vestido azul é usado apenas pelas esposas, mulheres dos comandantes que não conseguem engravidar, as quais são consideradas puras; o vestido vermelho é destinado às Aias; e o vestido verde é usado pelas Marthas, as cozinheiras e empregadas domésticas. Os comandantes são homens ricos que desfrutam de todo poder. Comparando com a atualidade, eles ocupariam cargos semelhantes aos dos nossos representantes de governo. A nova formação social das Aias as obriga a se comportarem de forma submissa e a se punirem por falhas do passado. Isso significa que essas mulheres devem, nesse contexto, adotar a religião vigente e seguir seus preceitos, mesmo contra a vontade delas.

A respeito do gênero literário utópico, ele projeta uma sociedade futura perfeita. Em contrapartida, a distopia surge como um mecanismo que nos faz questionar criticamente alguns eventos que aconteceram. Segundo Cardoso Hilário (2013), esse



tipo de literatura é visto como forma de análise da sociedade, tendo como principal objetivo investigar impactos de barbárie ocorridos em alguma época caracteriza-se por representar uma sociedade na qual prevalece a inexistência de direitos básicos e fundamentais e, no caso do *Conto da Aia* em específico, por possuir bases fundamentalista cristã, ditatoriais ou totalitárias. Cardoso Hilário (2013, p.205) salienta que as obras ficcionais distópicas “[...] não possuem um fundamento normativo, mas detêm um horizonte ético-político que lhes permite produzir efeitos de análise sobre a sociedade”. O romance em estudo possui características distópicas, uma vez que busca enfatizar e exagerar alguns aspectos já presentes na sociedade em que vivemos e projeta um futuro que leva tais aspectos a situações limite, baseado em um olhar crítico da sociedade. Desse modo, a literatura de ficção não pode apenas ser vista como um reflexo social, mas como uma forma de conhecer e, por vezes, prever os caminhos que pode tomar um determinado contexto histórico. Podemos então afirmar que as obras distópicas acabam funcionando como uma forma de alerta à opressão, barbárie e catástrofes.

Para entendermos melhor a construção da obra, utilizamos o conceito de gênero defendido pela filósofa Judith Butler (2003), que tenta desmistificar essa concepção de que ele está diretamente interligado ao sexo. Segundo ela, a divisão entre sexo e gênero atua como um tipo de base fundacional da política feminista, pois parte da ideia de que sexo é natural e gênero é construído a partir das vivências sociais. Para Butler (2003),

Se alguém “é” uma mulher isso certamente não é tudo que esse alguém é, o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da pessoa transcendam a parafernália específica do seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais [e eu acrescento religiosas] de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (BUTLER, 2003, p.20).

Com base nas concepções de Judith Butler (2003) e por meio de seus de seus questionamentos, buscamos romper com a ideia de gênero estabelecida e a sua ligação com a divisão de papéis existentes na sociedade. Conforme Butler (2003), a questão do gênero é umas das principais justificativa do poder social dos homens que produz e



apoia a desigualdade social. Desse modo, conseguimos perceber que é por meio das relações sociais humanas que as mulheres muitas vezes são criadas e mantidas em posições subordinadas ao homem. Mediante as questões que foram abordadas, é inegável a contribuição e a importância dos estudos de gênero para a análise da realidade social e política, podendo relacionar os estudos de Butler com a obra *O Conto da Aia*, bem como às posições sociais que algumas mulheres ocupam, visando a necessidade de provocar mudanças nas relações de poder entre homens e mulheres na sociedade. Assim, esta pesquisa é relevante por discutir acerca do papel social destinado às mulheres representadas na sociedade de *O Conto da Aia*, fazendo um paralelo com a questão do feminino na atualidade. Nessa perspectiva, por meio da discussão a respeito da trama narrativa, foi realizada uma análise sobre questões que se relacionem com o feminino no âmbito social e acadêmico, pois acreditamos que *O Conto da Aia* por ser uma distopia que tem ressonância na atualidade e pode funcionar como um instrumento de luta social a partir das discussões que suscita.

PÓS-MODERNISMO NA OBRA *O CONTO DA AIA*

Nesta seção, analisamos de que forma as teorias que embasam a estética literária do pós-modernismo podem ser aplicadas na obra estudada. Hutcheon (1991) define o pós-modernismo como um fenômeno contraditório, paradoxo, histórico e absolutamente político, sob vários pontos e em qualquer campo da ciência e da arte. Para Hutcheon (1991), o pós-modernismo pode ser relacionado a termos como

[...]descontinuidade, desmembramento, deslocamento, descentralização, indeterminação e antitotalização. O que todas essas palavras fazem, de forma literal (exatamente com seus prefixos, que negam o compromisso - des, in e anti), é incorporar aquilo que pretendem contestar - conforme o faz, suponho, o próprio termo pós-modernismo. Chamo a atenção para esse simples fato verbal a fim de começar a "teorizar" sobre o empreendimento cultural ao qual parecemos ter aplicado um rótulo tão instigante (HUTCHEON, 1991, p.19).

Desse modo, é possível concluir que o pós-modernismo pode ser visto como um modo de contestação e, para isso, no caso das obras literárias, acaba fazendo uma representação do alvo de sua crítica, a exemplo da subjugação da mulher na obra de Atwood (1985)). Desse modo, a obra literária estudada dá a oportunidade ao leitor de fazer suas próprias análises da representação apresentada e, desse modo, fazer suas



próprias críticas. Espera-se, assim, que a literatura tenha força suficiente para fazer com que essa crítica transborde o plano ficcional e ressoe no plano da realidade.

Quando abordamos a questão do pós-modernismo na literatura, existe a necessidade de entendermos, também, como é abordada a Metaficção historiográfica na obra. Conforme Hutcheon (1991), a Metaficção historiográfica é um método narrativo que além de opor verdade e falsidade, tem como finalidade romper a ilusão da realidade criada pelos romances ficcionais, tornando-se auto-reflexiva para os leitores. Para que isso ocorra, o autor deve trazer para seu texto expressões de linguagens que, dentro de sua obra, funcionariam como a ruptura da linearidade e temporalidade. Desse modo, a semelhança entre a realidade e a literatura se torna muito forte. Hutcheon (1991, p.241-242) afirma que “[...] assim como o romance mistura acontecimentos e personagens históricos e fictícios, sua estrutura textual também mistura o historiográfico e o romanesco”. Atualmente, a ficção pós-moderna tenta dar voz cada vez mais aos grupos minoritários, indivíduos que antes não tinham participação ativa em obras literárias. A obra em questão, *O Conto da Aia*, apresenta seu enredo com enfoque para a figura feminina, dando voz a esse grupo considerado minoria.

CONCLUSÃO

A base teórica utilizada para a realização desta pesquisa nos ajudou, por meio de seus questionamentos, a relacionar a obra com a divisão de gênero na contemporaneidade. Perante ao atual contexto social, o livro *O Conto da Aia* resultou numa crítica à sociedade patriarcal. Além disso, o estudo crítico dessa estória abre possibilidades para a reflexão sobre atuais estratégias políticas feministas, pois sugere que o gênero deve ser reorganizado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclua não somente o sexo, mas também a raça e a classe.

PALAVRAS-CHAVE: Distopia; Feminino; Gênero; Literatura; Pós-modernismo.

REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret Eleanor. **O Conto da Aia**. Trad: Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

CARDOSO HILÁRIO, Leomir. **Teoria crítica e literatura: A distopia como ferramenta de análise radical da modernidade.** Anu. Lit., Florianópolis, v.18, n. 2, p. 201-215, 2013.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção.** Trad: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro, pg. 330, 1991.



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO